

# Uma análise do masculino e do feminino segundo a antropologia de Edith Stein

Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Cecilia Isatto Parise  
*Seminário Maria Mater Ecclesiae*  
*GT Edith Stein e o Círculo de Gotinga*

## Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar a antropologia de Edith Stein, considerando as lições sobre a *Estrutura da pessoa humana* (1932) e as suas conferências sobre a *Mulher*. Nelas aparece a concepção do ser humano como uma pessoa espiritual livre, um ser em constante formação, capaz de amadurecer e tornar perceptível ao longo de sua vida, dentro de suas determinações e limitações, a vocação recebida por Deus. Edith Stein fundamenta sua antropologia em dois tipos de reciprocidade circular: primeiramente, ela recorre ao método fenomenológico para promover o diálogo e ajuda recíproca entre as investigações da filosofia e da teologia sobre a natureza humana e sua essência; em segundo lugar, Edith Stein percebe a necessidade de conceber, no âmbito puro das essências, uma reciprocidade entre as *species* masculina e feminina, em vistas a afirmar a essencial individualidade humana sem negar a sua natureza comum geral. A solução proposta por Edith Stein pode lançar luzes sobre várias questões que atuais sobre a existência de uma identidade (ou não) de gênero, masculino ou feminino, no ser humano.

**Palavras-chave:** Antropologia. Reciprocidade circular. Filosofia. Teologia. Masculino. Feminino.

## Abstract

The objective of this text is to present the phenomenological anthropology of Edith Stein, taking into account her lessons on the structure of the human person: *Der Aufbau der menschlichen Person* (1932) and in her lectures about Women's condition: *Die Frau*. On those lessons and conferences, appears the conception of the human being as a free spiritual person, a being in constant configuration, able to mature and become noticeable throughout its own life, within its provisions and limitations, the vocation received by God. Edith Stein based her anthropology in two types of circular reciprocity: first, it refers to the phenomenological method to promote dialogue and mutual help between investigations of philosophy and theology on the human nature and essence; second, Edith Stein realizes the need to design in the context of pure essences, one reciprocity between the male and female *species*, in order to affirm the essential human individuality without deny their general common nature. The solution proposed by Edith Stein can shed light on several issues today about the existence of an identity (or not), male or female, in human beings.

**Keywords:** Anthropology. Circular reciprocity. Philosophy. Theology. Male. Female.

## 1 Introdução:

Na sua Encíclica *Fides et Ratio* de 1998, Edith Stein é citada por João Paulo II entre os grandes pensadores cuja investigação corajosa manifesta a *fecunda e justa relação* entre a teologia e a filosofia<sup>1</sup>, visto que “compreenderam que esta deve ser pautada por uma reciprocidade circular”<sup>2</sup>, ou seja: a Palavra de Deus enriquece a filosofia, possibilitando que ela descubra horizontes novos e inesperados, e a filosofia de certo modo guia a razão para um maior conhecimento de Deus e a previne para evitar percursos que a conduzem fora da Verdade Revelada.

---

<sup>1</sup> *Fides et Ratio* 74.

<sup>2</sup> *Fides et Ratio* 73.

Essa *reciprocidade circular* entre a *filosofia* e a *teologia* é empregada *explicitamente* por Edith Stein nas lições que ministra sobre a *Estrutura da pessoa humana* no semestre de inverno de 1932-1933. Em 1932 Edith Stein, já publicamente reconhecida como fenomenóloga, feminista cristã e intelectual católica, conferencista em diversas partes da Europa<sup>3</sup>, é convidada a dar aulas no *Instituto de Ciências Pedagógicas* em *Münster*<sup>4</sup>. Nesse curso ela apresenta as bases de sua antropologia filosófica partindo da análise fenomenológica do ser humano como pessoa espiritual livre – como um ser em constante formação – que havia aprendido com Edmund Husserl<sup>5</sup>, enriquecendo-a com elementos retirados da metafísica cristã.

Edith Stein estava convencida que para se compreender profundamente a especificidade da natureza humana não se podia permanecer apenas nos limites de uma doutrina geral do ser criado, mas era preciso “levar em consideração a diferenças entre o ser criado e aquele incriado e qual a relação que existe entre eles”<sup>6</sup>. Ou seja, é preciso complementar a antropologia filosófica com uma antropologia teológica e vice-versa: “Da filosofia e da teologia se alça o edifício da *metafísica cristã* que traça uma imagem global do mundo real”<sup>7</sup>.

Após as lições do seu primeiro semestre, Edith Stein complementaria o seu curso de antropologia filosófica apresentando, no semestre seguinte, a análise da natureza humana sob o enfoque da *antropologia teológica*<sup>8</sup>, e para esse também preparou e redigiu antecipadamente as suas lições. Com esses dois semestres ela esboçaria o que entendia por uma *doutrina geral*

---

<sup>3</sup> Edith Stein começa a ser convidada a dar conferências em 1926, quando inicia sua carreira como professora do colégio das Dominicanas de Espira. Mas é em 1928 que assume tal atividade de um modo mais ativo, tanto na Alemanha quanto na Áustria e Suíça. Ela é convidada especialmente para falar sobre a vocação da mulher (e do homem) em associações femininas católicas, agremiações estudantis, pedagógicas, centros universitários e outros.

<sup>4</sup> Essas lições foram redigidas por Edith Stein e publicadas postumamente como uma obra que leva o mesmo nome do seu curso.

<sup>5</sup> Edith Stein relata em seus escritos autobiográficos: *Sobre a vida de uma família judaica* (ESGA 1), que havia conhecido o método fenomenológico de Edmund Husserl em 1912, pela leitura das *Investigações Lógicas*. No início de 1913 já havia se mudado da universidade de sua cidade natal, Breslau, para Göttingen, pois estava segura de haver encontrado na fenomenologia de Husserl os pressupostos que procurava para empreender a sua análise da natureza humana. No período em que lá estudou Edith Stein entrou em contato com vários outros fenomenólogos vinculados direta ou indiretamente a Husserl e ao Círculo de Göttingen, tais como Max Scheler, Adolf Reinhard, Dietrich von Hildebrandt, Alexandre Koyré, Roman Ingarden, Theodor Lipps, Conrad e Hedwig Martius, entre outros. Pelo contato com esses intelectuais, a maioria cristã ou convertida ao cristianismo, Edith Stein descobriu novos e inesperados horizontes, que resultaram em um aprofundamento e ampliação e de seu pensamento filosófico sobre a natureza humana.

<sup>6</sup> STEIN, Edith. Der Aufbau der menschlichen Person, ESGA 14, p. 26. Estructura de la persona umana. OCD, V. IV, p.587-588.

<sup>7</sup> STEIN, Edith. Der Aufbau der menschlichen Person, ESGA 14, p. 26. Estructura de la persona umana, p. 588.

<sup>8</sup> Esse segundo curso também foi publicado postumamente sob o título: *O que é o ser humano?* STEIN, Edith. *Was ist der Mensch?* Eine theologische Anthropologie. ESGA 9.

sobre o ser humano. Infelizmente Edith Stein não conseguiu ministrar a segunda parte do seu curso por ter sido obrigada a abandonar a docência por causa da perseguição nazista aos judeus<sup>9</sup>.

Quando aceita o convite para lecionar no *Instituto de Ciências Pedagógicas* e tratar do tema da formação da pessoa humana, Edith Stein elabora uma longa preleção<sup>10</sup>, mostrando um panorama geral que a permitirá tratar especialmente da formação feminina. Edith Stein se refere a três níveis em que desenvolverá a análise da pessoa humana: o geral, o específico e o individual. Todos eles devem necessariamente ser levados em conta para se compreender a essência e a natureza da pessoa humana individual de um modo integral:

Cada indivíduo tem seu lugar e sua tarefa dentro do grande desenvolvimento humano. A humanidade deve ser entendida como um único grande indivíduo. (A história da salvação só faz sentido sob essa condição.) Cada pessoa individual é membro desse todo. Em cada membro se revela a estrutura essencial do todo. Mas, ao mesmo tempo, cada um possui seu caráter próprio de membro e deve desenvolvê-lo, para que o todo possa alcançar o seu desdobramento. A *species* humana só se realiza completamente no decorrer da história mundial na qual o grande indivíduo – a humanidade – se torna concreto. E só em todo esse processo evolutivo acontece também a realização plena das *species* homem e mulher<sup>11</sup>.

Nas suas lições sobre a natureza humana, assim como nas diversas conferências que Edith Stein ministra sobre a mulher, não aparece apenas uma *reciprocidade circular* entre a filosofia – enquanto busca pensar o lugar e a tarefa do indivíduo dentro do grande desenvolvimento humano – e a teologia – enquanto busca apreender o sentido do indivíduo por meio da história da Salvação –, mas pode-se também constatar a presença de um mesmo tipo de *reciprocidade*

---

<sup>9</sup> Em abril de 1933 Edith Stein decide realizar um desejo que há quase doze anos era a sua meta: entrar para a ordem das carmelitas descalças. Em outubro de 1933 ela ingressa, com 42 anos de idade, como noviça no Carmelo de Colônia. Ela relata esses fatos em um pequeno texto autobiográfico de 1938: *Como entrei no Carmelo de Colônia*. A primeira parte desse opúsculo foi publicada no final de seus *Escritos autobiográficos*, já que Edith Stein deixa subentendido que pretendia continuar o texto. STEIN, Edith. *Ein Beitrag zur Chronik des Kölner Karmel, I: Wie ich in den Kölner Karmel Kam*. ESGA 1 (In: *Escritos autobiográficos*, p. 345-362). Em maio de 1935 Edith Stein recebe autorização para continuar a sua investigação filosófica no Carmelo e redige a sua grande obra *Ser finito e ser eterno*, de 1936. Finalmente ela consegue realizar o seu desejo de apresentar, por meio da análise antropológica filosófica e teológica, a sua doutrina geral sobre o ser humano, já esboçada nas lições sobre a estrutura da pessoa humana.

<sup>10</sup> Essa preleção foi posteriormente revisada pela própria Edith Stein para publicação. Os três primeiros capítulos foram publicados em 1932 e 1933 na revista *Benediktinische Monatsschrift*, números XIV e XV. Os capítulos IV e V permaneceram inéditos.

Posteriormente foram publicados com outras conferências da Autora na sua obra sobre a mulher, com o título: *Problemas da formação feminina*. STEIN, Edith. *Probleme der neueren Mädchen Bildung*. In: *Die Frau*, ESGA 13.

<sup>11</sup> STEIN, Edith. *Probleme der neueren Mädchen Bildung*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 208. *Problemas da formação feminina*. In: *A Mulher*, p. 168.

*circular* entre as *species*<sup>12</sup> homem e mulher, essencial para a compreensão, tanto da pessoa individual quanto da humanidade.

Edith Stein desenvolve esse tema de modo original<sup>13</sup>, especialmente com o objetivo de pensar a situação da mulher no início do século XIX, analisando-a em relação de reciprocidade com o homem, tomando como base uma natureza humana comum a ambos. Por fim, apresenta a singularidade de cada indivíduo como irreduzível a todos esses aspectos por ela analisados.

O intuito desse trabalho é perceber como a *reciprocidade circular* entre a filosofia e a teologia, empregada por Edith Stein no âmbito de sua antropologia fenomenológica, a capacita enriquecer a sua análise identificando uma *reciprocidade circular* no interior da análise da própria natureza humana, no âmbito das essências, entre o masculino e o feminino. Desse modo ela consegue lançar luzes sobre a complexa relação entre o homem e a mulher, específica da pessoa humana.

## 2 O método de análise

Antes de tratar do método adequado para se analisar o ser humano é preciso identificar qual *visão de ser humano* se está falando. Edith Stein apresenta três visões da natureza humana que estão no fundamento de diferentes teorias e práticas pedagógicas e políticas do seu tempo: a visão de ser humano do *idealismo alemão*; a da *psicologia do profundo* (da psicanálise e da literatura russa do fim do séc. XIX); a do *existencialismo de Martin Heidegger*. Ela expõe de modo sucinto essas visões, mostrando que cada uma delas representa de modo profundo e completo uma determinada dimensão do ser humano, mas acaba limitando e reduzindo a essência da natureza humana a um determinado aspecto em detrimento dos demais, igualmente essenciais. Segundo Edith Stein a concepção cristã do ser humano é capaz de dialogar com essas três visões e, ao mesmo tempo, superar o niilismo metafísico da filosofia existencial, assim como as limitações das visões do idealismo alemão e da psicologia do profundo. Ela considera diferentes aspectos do ser humano vistos por outras visões como praticamente incompatíveis: constata a essencial liberdade do ser humano sem negar que cada indivíduo já

---

<sup>12</sup> Sophie BINGGELI, em seu texto sobre o feminismo de Edith Stein, o termo *species* tal como é empregado por Edith Stein em sua grafia latina não tem sua origem na biologia. O sentido assemelha-se ao que se encontra na filosofia do conhecimento de Tomás de Aquino, mas a referência mais direta seria as *Investigações Lógicas* de Edmund HUSSERL, que o aproxima de sua noção de ideia, *eidos*, referindo-se às essências. Edith Stein se referirá em suas conferências sobre a mulher, a uma *species* “*alma feminina*”, que se contraporá a outra *species* “*alma masculina*”. *Le féminisme*, p. 250.

<sup>13</sup> Angela ALES BELLO, em seu texto *Sul femmine*, apresenta a *antropologia dual* desenvolvida por Edith Stein no âmbito de uma análise essencial (fenomenológica) como uma contribuição original: “a questão feminina é examinada por Edith Stein com uma completude que representa um caso provavelmente único na história da reflexão antropológica cristã sobre a mulher.” *Sul femmine*, p. 21.

nasce com certa determinação natural e, além disso, sofre influências do meio onde se desenvolve. Aprender a tanto sua dimensão individual quanto a sua natureza geral. Que tipo de filosofia é capaz de pensar o ser humano levando em consideração tanto a sua essência quando a sua natureza em sua dimensão singular e geral, tanto no âmbito individual quanto no intersubjetivo? Entra-se assim na questão do método.

Edith Stein parte do “fenômeno” a ser estudado em sua essência: o ser humano. Ela apresenta os métodos possíveis para se abordar essa questão com o intuito de mostrar por que o método fenomenológico permite uma apreensão integral da essência e da natureza humana, sem fechar-se para o diálogo com os outros métodos, inclusive com o que a Revelação nos diz a esse respeito.

Se o método das ciências naturais e da psicologia naturalista fosse o escolhido ele não seria capaz de responder à questão sobre a essência da natureza humana, pois se restringe às noções de anatomia e fisiologia, estudando, por exemplo, como o corpo humano se distingue do corpo dos outros animais. Não é capaz de abarcar a natureza inteira do ser humano, a sua alma psíquica e espiritual, mas apenas o seu corpo, que privado da relação essencial com a alma, é apreendido apenas como um corpo material, físico [*Körper*]. Também não é capaz de considerar o indivíduo como membro de um todo, pois não leva em conta o papel da intersubjetividade, a cultura e a história dos povos etc.

O método das ciências do espírito que estavam se desenvolvendo na primeira metade do século XX permitiu o avanço de mais um passo nessa análise. A história passou a fazer parte de uma ciência sobre o ser humano, mas juntamente com essa dimensão surge a possibilidade de se deixar de lado o indivíduo concreto, fixando-se apenas em uma tipologia com características semelhantes, tais como se encontram em figuras da literatura. Existem ainda outras ciências do espírito que se propõem analisar o ser humano em sua especificidade, como essencialmente distinto dos outros animais, e por isso aceitam que ele deva ser estudado por uma ciência específica, a antropologia. Essas muito provavelmente são mais capazes de levar em consideração o campo dos valores<sup>14</sup> como especificamente humano, mas apesar dessa ampliação do objeto de estudo, acabam utilizando o mesmo método das ciências descritivas, especialmente a causalidade natural, aplicando-o para interpretar os fatos por meio de leis

---

<sup>14</sup> A análise fenomenológica do campo dos valores conduz Edith Stein, desde a sua tese doutoral de 1916, *O problema da empatia*, a perceber a afetividade humana como uma vivência não puramente psíquica, mas espiritual. Esse tema é aprofundado em dois longos ensaios escritos entre 1918 e 1920, pouco tempo depois da sua defesa de tese: *Causalidade psíquica e Indivíduo e comunidade*. Nesses dois textos Edith Stein aprofunda a sua compreensão da realidade psíquica e espiritual do ser humano, apresentando a especificidade humana por meio das vivências espirituais, pelas quais o ser humano se desenvolve e se configura como pessoa.

pretensamente universais, ao invés de acolher o que se manifesta do fenômeno humano por meio de suas vivências para apreender a sua essência<sup>15</sup>. Além disso, tais ciências não só levam em conta como privilegiam unilateralmente o aspecto social como essencial e facilmente caem no erro de desconsiderar a dimensão da individualidade para a compreensão da natureza humana: elas só conseguem compreender o ser humano como um “caso” de uma lei ou de uma tipologia geral, arbitrariamente enunciada como universal. Por apenas considerar o indivíduo de um modo genérico a partir da sua identificação a um grupo específico, tais ciências do espírito não são capazes de compreender o que é a natureza humana em geral, no seu modo puro ou essencial, visto que concebem a dimensão social como contraposta à individualidade concreta.

Como sair dessa aporia que as diferentes visões de ser humano acabavam caindo, tanto por causa do seu objeto de estudo, quanto ao método empregado? Em Edith Stein a solução para esse problema passa pela consideração do que João Paulo II chamou em *Fides et ratio* de uma *reciprocidade circular* entre a filosofia e a teologia. Segundo a Autora, para pensar o ser humano em sua natureza geral e em sua essência individual, é preciso recorrer a outro campo de conhecimento, além da base fornecida pelas diferentes ciências humanas e antropologias. Para Edith Stein apenas uma antropologia teológica – baseada na metafísica cristã – é capaz de abordar o ser humano de modo íntegro e integral, pois não se limita de uma teoria geral do ser criado, tanto individual quanto socialmente, mas também se alça para buscar compreender a diferenciação e a relação entre o ser criado e o ser eterno<sup>16</sup>.

Uma antropologia teológica – o estudo sobre a essência e a natureza humana – deve ser capaz de eleger um método que lhe permita utilizar tanto a filosofia quanto a teologia sem que nenhuma delas perca a sua autonomia, visto que se distinguem tanto pelo seu *objeto* quanto pelo seu *método*. Quanto ao objeto, a *teologia* estuda Deus; quando aborda o mundo e o homem,

---

<sup>15</sup> Logo após a sua tese sobre a empatia, Edith Stein desenvolve esse argumento sobre a necessidade de se buscar uma fundamentação para a psicologia e as ciências do espírito baseada em outro tipo de causalidade diversa da natural. Ela apresenta o método fenomenológico como o mais adequado ao estudo do ser humano, tanto em sua dimensão individual quanto social. O tema da comunidade será abordado em um segundo texto. Os dois textos *Causalidade psíquica* e *Indivíduo e comunidade*, foram escritos entre 1918-1920 como tese de livre-docência. Não foram aceitos, infelizmente, por terem sido escritos por uma mulher, pois naquele período elas eram impedidas, por lei, de ocupar cargos universitários. No entanto, foram publicados conjuntamente em 1922 no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, sob o título *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften (Contribuições à fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito)*. ESGA 6, 2010.

<sup>16</sup> STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*, ESGA 14, p. 26. Estructura de la persona umana. In: Escritos antropológicos y pedagógicos. V. IV, p.587-588. Segundo Edith Stein a *Summa teológica* de São Tomás serve de modelo para se entender de que modo a teologia e a filosofia, numa reciprocidade circular, podem solicitar, uma à outra, o complemento ou a ajuda que cada uma é capaz de oferecer. João Paulo II faz uma colocação semelhante na *Fides et ratio*, com relação ao pensamento de Tomás de Aquino (pontos 43 e 44).

o faz sempre do ponto de vista de Deus como criador, de onde tudo parte e para onde tudo se dirige. A *filosofia*, por sua vez, estuda o mundo criado; quando estuda Deus o faz enquanto detecta que as criaturas se remetem a ele. Quanto ao método, a *teologia* utiliza como meio de conhecimento a Revelação e só usa o conhecimento natural para torná-la compreensível aos seres humanos; a *filosofia* utiliza como meio o conhecimento natural, mas leva em conta as verdades da fé “como critério que lhe permite submeter à crítica os seus próprios resultados”<sup>17</sup>.

Segundo Edith Stein, quando filosofia e teologia se encontram numa relação de serviço ou ajuda recíproca as duas saem fortalecidas, pois a filosofia serve à teologia ao lhe oferecer um aparato conceitual e metodológico para que ela consiga expor as verdades da fé; a teologia, por sua vez, serve à filosofia, pois esta encontra nela o complemento de que necessita: “as respostas às perguntas frente as quais os seus próprios meios de conhecimento fracassam”<sup>18</sup>.

Após essas observações, Edith Stein esclarece que utilizará o *método fenomenológico* para a sua análise, pois este permite que a filosofia e a teologia permaneçam em uma dinâmica de diálogo e ajuda recíproca. Visto que a fenomenologia visa fixar a sua atenção “*nas coisas mesmas*”, ela deixa o próprio *objeto de investigação* – a essência da natureza humana – conduzir a análise à medida que vai revelando a sua estruturação<sup>19</sup>. Aparentemente pode parecer que o método fenomenológico, ao se perguntar pelas coisas mesmas e não pela *teoria* das coisas, procede de um modo puramente empírico: olha o ser humano em sua existência, tanto individualmente quanto na sua intersubjetividade. Mas ele difere do modo empírico, pois dirige a sua atenção para *o sentido* da coisa: o que ela *é em seu próprio ser* e o que este *é de modo essencial*.

No caso do ser humano, deve-se apreender tanto a sua natureza quanto a sua essência. Edith Stein parte da constatação da fenomenologia de Husserl de que essência se capta pela intuição, pois faz parte da capacidade humana apreender no particular aquilo que existe de universal:

A intuição não é somente a percepção sensível de uma coisa determinada e particular, tal como essa coisa está aqui e agora. Há uma intuição do que a coisa é em essência e isso pode ter um duplo significado: pode significar aquilo que a coisa é por seu ser próprio, como também aquilo que ela é por sua essência universal. [...] O ato no qual se capta a essência é uma percepção espiritual, que Husserl denominou intuição. A intuição reside em cada experiência singular como fator indispensável, pois não poderíamos falar de seres humanos, animais e plantas, se em cada “isto” que percebemos aqui e

<sup>17</sup> STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 27.

<sup>18</sup> STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 27.

<sup>19</sup> Embora o método fenomenológico tenha sido elaborado por Edmundo Husserl, já em suas *Investigações Lógicas*, Edith Stein se diz convencida de que ele já fora empregado pelos grandes filósofos de todas as épocas, mas não de modo exclusivo e com uma clara reflexão sobre o seu próprio modo de proceder tal como fez Husserl. STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 28.

agora não colhêssemos um universal que indicamos com um nome universal. Mas a intuição pode se separar dessa experiência particular e ser considerada por si mesma<sup>20</sup>.

Pela intuição conseguimos distinguir a natureza humana particular da sua essência universal. Pelas *reduções eidética* e *ao sujeito transcendental* somos capazes de “refazer” o percurso operado pela intuição e demonstrar o sentido universal, ou ainda, a especificidade da estrutura da natureza humana em sua essência originária. Essa especificidade se encontra expressa no conceito de “pessoa”<sup>21</sup>.

### 3 O ser humano como pessoa

Edith Stein aprofunda a constituição fenomenológica da pessoa humana de Edmund Husserl ao enriquecê-la com elementos da metafísica cristã. Surge assim uma análise original que identifica uma *reciprocidade circular*, tanto no âmbito seu método e quanto no do seu objeto. Esta pode ser ilustrada pelo modo como ela analisa o sentido do conceito cristão de *vocação* [*Beruf*]<sup>22</sup>: cada indivíduo, com sua natureza própria e no contexto em que vive, é chamado a realizar do melhor modo possível o seu “*ser pessoa*” – único e singular – como “*imagem e semelhança*” de Deus.

Edith Stein aprofunda a compreensão da essência do ser humano ao pensar a sua vocação enquanto pessoa. Segundo ela toda vocação já é potencialmente dada a cada ser humano, mas esta deve ir amadurecendo e tornando-se perceptível ao longo de sua vida. O tema da vocação da pessoa como realização de um “chamado de Deus” se encontra como “*pano de fundo*” nas lições sobre a *Estrutura da pessoa humana*, mas ele é abordado explicitamente por Edith Stein em uma conferência dada em 30 de outubro de 1931 aos membros do grupo católico

---

<sup>20</sup> STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 28.

<sup>21</sup> O conceito de pessoa no mundo ocidental tem sua origem no cristianismo, mas Husserl trata filosoficamente esse tema quando apresenta uma fundamentação fenomenológica da pessoa ao analisar a constituição do mundo espiritual humano em *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* – volume II, livro II, terceira sessão.

<sup>22</sup> Em alemão a palavra *Beruf* também significa, além de “vocação”, o trabalho ou a profissão de alguém. Mas sempre conota uma atividade que a pessoa individual executa de modo excelente por possuir uma habilidade especial. Em português a palavra “vocação” revela bem esse significado, pois ela vem do latim *vocare*, que significa tanto uma tendência ou disposição natural, como também o ato de chamar, ou ainda, de “ser chamado”. Edith Stein explora esse segundo sentido ao afirmar que a verdadeira vocação de cada indivíduo é o seu “ser chamado por Deus” para realizar de modo singular e irreduzível a sua “imagem e semelhança”.



universitário de Aachen (Renânia), intitulada: *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*<sup>23</sup>.

Partindo da ideia de “ser convocado” Edith Stein explora a hipótese da existência de uma vocação geral a todo ser humano, uma específica a cada gênero e a vocação individual e irreduzível a cada pessoa singular.

(...) é Deus, em última análise, quem convoca. É ele que chama: *toda pessoa* para realizar algo que é de sua vocação, cada um *individualmente* para algo que é sua vocação toda particular e, além disso, *o homem e a mulher*, como tais, para algo especial<sup>24</sup>.

A vocação geral é aquela que todo ser humano participa, independente de cor, raça, sexo, condição social etc. Mas essa se manifesta apenas no indivíduo singular. Logo, a natureza geral, a específica e a individualidade, embora podendo ser apreendidas separadamente pela análise fenomenológica, não são componentes que aparecem separados na pessoa. A identificação desses três âmbitos de análise é um “artifício conceitual” para que se possa apreender de que modo cada indivíduo humano expressa a natureza geral com sua marca individual. O que temos, na concretude dos fatos, são apenas indivíduos singulares. Eles expressam, cada um a seu modo, uma mesma natureza humana geral, assim como sua pertença ao âmbito da *species* masculina ou feminina:

Surge assim uma urdidura de múltiplos fios, mas seu padrão não deve ser tão impenetrável que a um olhar sereno não seja possível destrinchar algumas linhas claras<sup>25</sup>.

Com o auxílio da análise fenomenológica, dos conceitos da metafísica aristotélico-tomista e dos dados sobre a natureza humana oriundos da Revelação, especialmente o relato da criação do homem e da mulher no livro do Gênesis<sup>26</sup>, Edith Stein desenvolve o tema da vocação pessoal em três âmbitos complementares. Para atender ao chamado divino com liberdade e responsabilidade é necessário que o ser humano singular: (1) se reconheça enquanto

<sup>23</sup> STEIN, Edith. *Beruf des Mannes und der Frau nach Natur- und Gnadenordnung*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 56-78. *A mulher*, p. 73-103. Esta conferência de Edith Stein foi publicada na revista *Die christliche Frau* 30 (1932, n.1) 5-20.

<sup>24</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p.74. *Die Frau*. ESGA 13, p. 80.

<sup>25</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p.74. *Die Frau*. ESGA 13, p. 80.

<sup>26</sup> João Paulo II, nas suas *Catequeses sobre a Teologia do Corpo*, também trata da reciprocidade entre o homem e a mulher a partir da análise do relato da criação do *Livro do Gênesis*.

participante de uma natureza humana geral, compartilhada com todos os outros indivíduos humanos; (2) se identifique como pertencendo a um gênero específico (*species*<sup>27</sup> ou forma interna) – masculino ou feminino; (3) seja capaz de vivenciar e reconhecer as singularidades que o tornam um indivíduo único e irrepetível. Desse modo ele será capaz de desvelar e desenvolver a sua forma pessoal individual com seu caráter e qualidades específicas, ou ainda, deixar amadurecer a sua singularidade<sup>28</sup>. Esses três âmbitos da vocação da pessoa humana são utilizados por Edith Stein para enfatizar a necessidade do indivíduo humano – enquanto ser em constante formação<sup>29</sup> – reconhecê-los como dimensões essenciais de sua própria constituição, para que, conhecendo-se e amando-se, seja capaz de formar a própria sua personalidade e assim agir como pessoa livre e responsável frente ao mundo e à história.

Para reconhecer a vocação individual e assim poder formar-se como tal, é preciso compreender, no âmbito das essências, não apenas a participação pessoal em uma natureza humana comum geral, mas também a *vocação específica* ao próprio gênero – masculino ou feminino. Edith Stein intui que a mediação da *species* no âmbito puro possibilita a compreensão da participação em uma natureza geral comum a todos os seres humanos ao mesmo tempo em que valida a capacidade do indivíduo de perceber as suas peculiaridades: a “nota individual” própria, que procede do ponto mais íntimo da alma<sup>30</sup>. Além disso, o conceito puro de *species* também fundamenta a essencial intersubjetividade humana: embora a identidade pessoal seja constitutiva a cada ser humano, ela só pode ser experimentada como tal quando um Eu

---

<sup>27</sup> Edith Stein utiliza o conceito de *species* (na grafia latina) para falar do masculino e do feminino da sua forma pura ou essencial, diferenciando-o da espécie biológica, tal como é tratado no capítulo V da *Estrutura da pessoa humana: O problema da origem das espécies*. Segundo Sophie BINGGELI, *Le féminisme chez Edith Stein*, o termo *species* empregado por Edith Stein em sua grafia latina não tem sua origem na biologia. O sentido assemelha-se ao que se encontra na filosofia do conhecimento de Tomás de Aquino, mas a referência mais direta seria as *Investigações Lógicas* de Edmund HUSSERL, que o aproxima de sua noção de ideia, *eidōs*, referindo-se às essências. Edith Stein se referirá em suas conferências sobre a mulher, a uma *species* “*alma feminina*”, que se contraporá a outra *species* “*alma masculina*”. *Le féminisme chez Edith Stein*, p. 250.

<sup>28</sup> Para Edith Stein a constatação dos fatos nos permite afirmar que gênero humano se desenvolve necessariamente, na sua forma pura ou essencial, sob essas duas *species*, mesmo que nunca consigamos encontrar na natureza humana um indivíduo concreto que seja um exemplo ideal da *species* masculina ou feminina. O que encontramos é uma vasta tipologia onde cada indivíduo desenvolve características gerais humanas, onde podemos identificar aspectos masculinos e femininos, desenvolvidos de um modo único, apenas seu. A Autora chega a afirmar que existem mulheres cujas características naturais a aproximariam mais de um “tipo” masculino do que feminino, mas isso não nos permite afirmar que a sua identidade, a sua essência, seja masculina.

<sup>29</sup> Éric DE RUS desenvolve amplamente esse tema do ser humano como um ser em formação nas obras: *Intériorité de la personne et éducation chez Edith Stein* e *A visão educativa de Edith Stein: Aproximação de um gesto antropológico integral*.

<sup>30</sup> STEIN, Edith. *Einführung in die Philosophie*. ESGA 8, p. 176. *Introducción a la Filosofía*. Parte II: *Los problemas de la subjetividad*. Item 4. Experiencia Del propio ser y de la propia vida anímico-espiritual – conciencia original del “yo” personal. P. 853. In: *Escritos filosóficos*. Etapa fenomenológica: 1915-1920.

reconhece o outro como semelhante, mas não idêntico a si, como um Tu, engendrando com ele uma relação de *recíproca circularidade*.

Apesar de todas essas constatações Edith Stein não deixa de lado a consciência, originária da revelação cristã, de que o reconhecimento e a realização da própria vocação do ser humano nunca se realizam plenamente no mundo finito e temporal. Colocando em uma relação de diálogo fecundo a revelação bíblica com a constatação fenomenológica da natureza essencialmente espiritual de todo ser humano, Edith Stein afirma que cabe a cada indivíduo realizar a própria vocação dentro das próprias limitações, aproximando-se livremente de sua própria autoconfiguração como filho/filha de Deus, mas contanto sempre com a Graça divina.

Para compreender de que modo o indivíduo consegue aproximar-se de sua vocação própria é imprescindível vislumbrar cada um dos âmbitos, o geral, o específico à forma interna ou *species* masculina ou feminina e o individual, com um *olhar sereno*. Para auxiliar essa análise, Edith Stein identifica em cada um desses âmbitos três considerações importantes: (1) o que está inscrito na natureza, passível de ser observado; (2) O que está indicado na Sagrada Escritura (como *arquétipo*, no âmbito das essências); (3) O que se revela nas necessidades de nosso tempo e da história.

A análise da *natureza humana* (1) se obtém por meio do diálogo da constituição fenomenológica do ser humano com as visões antropológicas que estão pressupostas na psicologia, nas ciências humanas, nas ciências naturais e na teologia. Também se leva em conta as diferentes *tipologias* de seres humanos que são retratadas pela literatura. Com relação à Sagrada Escritura (2), Edith Stein encontra nela “*pistas da ordem de criação original, da queda e da redenção*”<sup>31</sup> que oferecem um roteiro para auxiliar a interpretação do “*material demonstrativo da vida humana*” – obtido por meio do conhecimento natural. Por fim, as *necessidades de nosso tempo e da história* (3) também desvelam novas dimensões da pessoa humana que devem ser levadas em consideração. Fundamentando-se no método fenomenológico, apoiando-se nas reduções fenomenológicas, a investigação, sem pré-conceitos, da razão natural sobre a natureza humana, as indicações contidas na Sagrada Escritura sobre a essência (sentido) do ser humano e as novas dimensões de análise reveladas pelas necessidades de nosso tempo e da história *não entram em contradição*, mas se complementam e se enriquecem. Mantendo o olhar fixo “*nas coisas mesmas*”, Edith Stein

---

<sup>31</sup> STEIN, EDITH. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 88. *Die Frau*. ESGA 13, p. 68.

busca desse modo uma visão a mais íntegra e integral do ser humano, dentro dos limites do que é possível à racionalidade humana<sup>32</sup>.

#### 4 A vocação da natureza humana geral

A concepção cristã do ser humano conduz a razão natural a ampliar e aprofundar a compreensão da natureza humana, vendo-o essencialmente como pessoa. Não privilegia a *dimensão social* em detrimento da *individual* e vice-versa. Valoriza a pessoa humana em todos os estratos constitutivos de sua natureza: corpo vivenciado/próprio [Leib], psique e espírito. Ela também é a única capaz de levar em conta a possibilidade de uma relação autêntica entre a pessoa e um ser pessoal transcendente, Deus. Além disso, identifica tal possibilidade como fazendo parte da estrutura da pessoa humana, podendo ser desenvolvida por ela ou não. Por fim, a visão cristã do ser humano reconhece que toda pessoa, única em sua singularidade, tem uma missão que só ela é capaz de realizar. Tal missão é a sua “vocação” individual, que cada ser humano deve realizar no seu “aqui e agora”. Esse é o verdadeiro sentido e o fim da existência humana.

Em uma conferência intitulada *A missão da mulher*<sup>33</sup>, dada no congresso de Páscoa para jovens professoras da *Associação das professoras católicas da Baviera* em Munique (07 a 11 de abril de 1931), Edith Stein se predispõe a refletir sobre o sentido e o fim da existência humana em geral e, a partir desse, o das mulheres em especial. Nela apresenta o fundamento teológico e científico do ser e da missão da mulher (e do homem) partindo da determinação natural geral do ser humano. Segundo ela toda criatura tem por vocação desenvolver em sua pureza e segundo a ordem estabelecida por Deus o que o Criador semeou em nós. O ser humano, diferentemente das outras criaturas, não pode desenvolver-se de modo apenas instintivo e natural, pois como ser racional precisa colaborar livremente com seu conhecimento, amor e vontade para o seu desenvolvimento.

A vocação geral se manifesta por meio da análise da estrutura tripartite comum as duas *species*: o corpo próprio vivenciado, a psique e o espírito, sendo esses três âmbitos intimamente relacionados, experimentados sempre em uma unidade.

---

<sup>32</sup> Edith Stein reconhece a incapacidade de se desvendar em sua totalidade o mistério da natureza humana, principalmente por que essa é apreendida na sua forma mais plena como “imagem e semelhança de Deus”, que é Mistério.

<sup>33</sup> STEIN, Edith. *Die Bestimmung der Frau*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 46 – 55.

Essa conferência não se encontra na edição brasileira, mas está na tradução espanhola das obras completas de Edith Stein. *La misión de la mujer*. In: *Escritos antropológicos y pedagógicos*, 2003, p. 245-254. Ela foi publicada na revista *Zeit und Schule*, em seu número para jovens, no dia 16 de maio de 1931.

Ao olharmos para o ser humano, é possível reconhecer em todos eles um corpo vivente/próprio [*Leib*] e uma alma psíquica e espiritual. Constata-se também que a relação entre esses âmbitos não se dá de modo caótico, tampouco de modo causal, tal como encontramos a causalidade na natureza material. Assim como todos os seres vivos, a natureza humana é apreendida, já em sua dimensão corpóreo viva, como um *organismo*<sup>34</sup>. Segundo Edith Stein, Tomás de Aquino interpretou o princípio vital aristotélico (*enteléquia*<sup>35</sup>) como uma forma que se configura a partir do seu interior, com um modo de organização que revela um processo de desenvolvimento que aponta para uma direção determinada, um fim (*telos*<sup>36</sup>). Semelhante o que ocorre nos organismos vivos, diversas forças atuam de modo interligado no organismo humano para que o corpo e a alma vivam em harmonia e não produzam o desenvolvimento de uma dimensão em detrimento de outra. Além disso, deve-se observar uma ordem para se obter uma otimização das diferentes forças no ser humano, para que o desenvolvimento do todo ocorra do modo mais profundo e amplo possível: o corpo se submete à alma como instrumento disposto ao seu serviço. Também no interior da própria alma deve-se observar uma hierarquia com relação às suas forças: as sensitivas inferiores (psique) devem se submeter às espirituais superiores (espírito).

Além dessas duas ordenações, a antropologia aristotélico-tomista indica uma hierarquia com relação às forças superiores e dons: razão, coração<sup>37</sup> e vontade. Para a metafísica cristã, tal como é interpretada por Tomás de Aquino, razão deve ser a luz que indica o caminho para o coração e a vontade. Edith Stein aprofunda essa hierarquia ao tratar das *species* feminina e masculina, mostrando uma outra possibilidade de interpretação que conjuga de modo essencial a dimensão individual humana com a sua dimensão intersubjetiva.

<sup>34</sup> Edith Stein desenvolve esse tema no capítulo III da *Estrutura da pessoa humana*.

<sup>35</sup> *Enteléquia* é também o nome que Aristóteles dá à alma vital: essa manifesta um processo de configuração que aponta para uma determinada figura (sua forma acabada ou exemplar). STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 38.

<sup>36</sup> STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person*. ESGA 14, p. 38.

<sup>37</sup> É interessante notar que Edith Stein apresenta o “coração” como faculdade superior da alma, ou ainda, como faculdade espiritual do ser humano, ao lado da razão e da vontade. Para ela o coração é o “local” dos sentimentos e da afetividade, vinculados ao mundo dos valores, da capacidade de se identificar o certo e o errado, e não vinculado apenas ao campo das emoções e pulsões. Esse tema é tratado já em sua tese doutoral de 1916, onde a Autora analisa o mundo dos valores, percebendo neles uma legalidade própria, diferente da que se percebe no âmbito da psique. Edith Stein entra em contato com a ética dos valores de Max Scheler e a utiliza em suas análises do ser humano. Em *O problema da empatia* ela explicita essa teoria de Scheler e apresenta suas virtualidades, assim como suas deficiências quando não aplicada ao modo fenomenológico, no âmbito da essência da natureza humana, do Eu puro. Esse tema é trabalhado na dissertação de mestrado de Maria Cecília I. PARISE, sob a orientação do Prof. Juvenal SAVIAN Filho, defendida na UNIFESP em setembro de 2014: *As colorações da alma na análise da pessoa humana segundo Edith Stein*. Capítulo II – *A alma no estudo sobre a empatia*. Item 2.2. *O Eu puro e a percepção interna*. Disponível em: <http://ppg.unifesp.br/filosofia/dissertacoes-defendidas-versao-final/dissertacao-maria-cecilia-isatto-parise>

Sem deixar de lado a afirmação de que o objetivo de toda criatura é glorificar o Criador desenvolvendo a sua vocação natural ou determinação, buscando a perfeição de sua natureza, Edith Stein aprofunda e complementa tal constatação por meio de sua *antropologia dual*<sup>38</sup>. Para trilhar esse caminho serão seguidas algumas *pistas* sobre a abordagem steiniana da pessoa humana<sup>39</sup>.

## 5 A vocação das *species* masculina ou feminina

Edith Stein, seguindo o método fenomenológico, buscará a Sagrada escritura para refletir sobre o âmbito do masculino e do feminino e o seu papel na essência da natureza humana. Segundo ela pode-se constatar de modo essencial que o gênero humano se desenvolve necessariamente sob duas *species*, mesmo que nunca consigamos encontrar em um indivíduo concreto um *tipo puro* que corresponda totalmente ao masculino ou ao feminino. O que encontramos é uma vasta tipologia onde cada indivíduo desenvolve características gerais humanas, onde se identificam aspectos masculinos e femininos, de um modo único, irrepitível. Mas a singularidade de cada indivíduo concreto não é tal que não se possa identificar a predominância de traços característicos da feminilidade ou da masculinidade:

Segundo a minha convicção, a *species* ser humano se desdobra na *species* dupla “*homem*” e “*mulher*”, de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, se manifesta de uma dupla maneira revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo material [*Körper*] ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda do corpo [*Leibesleben*] é diferente, a relação entre a alma [*Seele*] e o corpo vivente/próprio [*Leib*] é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre o espírito [*Geist*] e a sensibilidade [*Sinnlichkeit*] bem como a relação entre as diversas forças espirituais. À *species* feminina corresponde à unidade e a integridade de toda a personalidade físico-anímica [*leiblich-seelisch*], o

---

<sup>38</sup> Será usado como fio condutor dessa análise a hipótese, desenvolvida por Angela ALES BELLO em sua obra *Sul femminile*, de que a “antropologia dual” de Edith Stein pode ser explicitada seguindo-se a análise fenomenológica da essência e da natureza masculina e feminina, depreendidas do estudo da estrutura da pessoa humana.

<sup>39</sup> Pode-se inferir das pistas dadas por Edith Stein que todo ser humano individual possui em sua estrutura constitutiva elementos masculinos e femininos que, embora presentes, não o incapacitam reconhecer a sua identidade específica ou forma interna essencial como sendo ou masculina, ou feminina. Essa distinção entre os diversos elementos naturais e a estruturação essencial do ser humano pode ser compreendida pelo estudo da *essência* da *natureza* humana. Analisa-se a *essência* da pessoa humana por meio do método fenomenológico, buscando um aprofundamento (“escavação” segundo Ales Bello) por meio da metafísica aristotélico-tomista e da exegese bíblica (revelação cristã). Com base nessa análise é possível identificar (no âmbito do *Eu puro*) uma estrutura comum a todo o gênero humano que se desdobra em duas *species* ou *forma interna* masculina e feminina. Essa “forma interna” é preenchida por cada indivíduo de modo singular, único e irrepitível (no modo da “forma vazia” conforme F. ALFIERI, *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*, 2016).

desenvolvimento harmonioso das forças; a *species* masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas<sup>40</sup>.

Em uma palestra sobre o *Ethos das profissões femininas*<sup>41</sup> Edith Stein procura mostrar que a sua compreensão da especificidade masculina e feminina no âmbito das essências – vista como *ethos* vocacional do homem e da mulher – é capaz de fundamentar uma posição intermediária entre as que se polarizam entre: (1) de um lado a afirmação de que a mulher é idêntica ao homem e é capaz de fazer tudo o que ele faz, da mesma maneira; (2) de outro lado a que vê a mulher como completamente diferente do homem e por isso devendo restringir-se às “profissões naturalmente femininas”<sup>42</sup>.

Para Edith Stein é possível pensar uma concepção de ser humano que enalteça os seus aspectos constitutivos enquanto homem ou mulher sem cair em relativismos e reducionismos, capaz de pensar uma relação de ajuda recíproca entre eles sem que percam a sua autonomia e especificidade. Irá se basear no fato, experimentado e constatado “nas coisas mesmas”, de que o corpo e a alma da mulher, assim como os do homem, foram formados para uma finalidade específica.

Com relação à mulher, ela é destinada a ser ajudante do homem e mãe dos seres humanos. Para isso o seu corpo está preparado, é a isso que corresponde a sua peculiaridade psíquica (anímica) – fato evidente da experiência, mas também conclusão do princípio tomista da *anima forma corporis*. Esse princípio aristotélico-tomista, fundado na observação dos fatos da realidade em sua essência, é confirmado pela escuta atenta da Palavra revelada: o homem e a mulher, mesmo tendo recebido uma tríplice missão comum no momento da criação, cabe a cada um realizá-la de acordo com a sua especificidade masculina ou feminina.

Segundo a *ordem da criação* Deus atribui uma primeira vocação, comum ao homem e à mulher, na forma de uma “tríplice missão” (Gn. 1, 26-29): (1) Ambos são criados à imagem e semelhança de Deus, como “varão e mulher”, para compartilhar a existência – como filhos de Deus; (2) Recebem a missão de “crescer e multiplicar”, enchendo a Terra (segundo E. Stein não sabemos como isso se daria); (3) Recebem também a missão de sujeitar a Terra e tudo o que nela se move.

---

<sup>40</sup> STEIN, Edith. *Probleme der neueren Mädchen Bildung*. In ESGA 13, p. 167. *Problemas da formação feminina. A Mulher*, p. 206.

<sup>41</sup> Essa conferência foi dada na assembleia da Associação universitária católica em Salzburg, que ocorreu entre 30 de agosto e 3 de setembro de 1930, onde Edith Stein foi a única mulher convidada entre os 16 palestrantes. STEIN, Edith. *Das Ethos der Frauenberufe*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p.16-29. *A Mulher*, 1999, p. 55 – 71.

<sup>42</sup> STEIN, Edith. *Das Ethos der Frauenberufe*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 18. *A Mulher* Op. cit. p. 57

Ainda na ordem da criação, ou seja, no *âmbito das essências* – das formas internas ou dos *arquétipos* – Deus também atribui vocações específicas ao homem e à mulher: à mulher concede o dom da maternidade para continuar a geração humana; ao homem dá a tarefa de proteger e sustentá-la, assim como os filhos. Por suas missões, tanto as comuns quanto as específicas, o homem e a mulher foram criados para viver em harmonia, em *ajuda recíproca*, como companheiros um do outro. Essa harmonia os torna capazes de engendrar uma nova vida e cuidar para que ela se desenvolva<sup>43</sup>.

A vocação do homem e da mulher não permanece a mesma segundo a ordem *original*, a ordem da *natureza decaída* e a ordem da *redenção*. A queda, ou melhor, *o afastamento de Deus*, tem como consequência o fim da harmonia entre o homem e a mulher: a união de amor se transforma em um relacionamento de dominação e subordinação, desfigurado pelo desejo. Mas ainda cabe ao *homem* lutar pela existência e à *mulher* a tarefa de parir, embora esses papéis sejam agora vivenciados por ambos *de outra forma* do que aquela pensada no momento da criação.

Como se percebe, então, a vocação do homem e da mulher segundo a ordem natural, a *natureza caída* após o afastamento de Deus? A ordem natural nos dará as primeiras *pistas* do que Edith Stein entende por *species* masculina e feminina. É preciso reter que esse âmbito, embora se refira a uma ordem natural, não se entende aqui natureza como algo puramente biológico, pois permanecemos no modo fenomenológico de análise, onde tudo o que seria específico de um indivíduo concreto é colocado entre parênteses para que se consiga apreender a essência da natureza masculina e feminina. Essa essência está vinculada ao corpo vivo próprio [*Leib*] feminino e masculino, que indicará o modo como cada um deles realizará a tripla missão atribuída por Deus ao gênero humano.

### 5.1 A *species* masculina segundo a ordem natural, ao modo do intelecto

A estrutura geral humana, corpo-mente-espírito, se organiza na *species* masculina de um modo determinado: o corpo e o espírito do homem estão equipados para a luta e a conquista segundo a sua *vocação original* de submeter a terra e de tornar-se o seu senhor e rei. Nele atua o impulso de sujeitá-la e apropriar-se dela *pelo conhecimento*. Ele também procura adquirir a terra como posse, com os prazeres que ela tem a oferecer, e transformá-la em sua própria criação

---

<sup>43</sup> O ser humano, diferentemente dos animais, nasce em um modo ainda “embrionário”, pois não possui seu organismo acabado a ponto de conseguir sobreviver e se desenvolver sem a ajuda de outros seres humanos que o aqueçam e alimentem. Como o neonato necessita do leite materno e a mãe necessita ser alimentada para poder alimentá-lo, cabe ao pai prover as necessidades da mãe e do filho. Mais do que uma “convenção social” a organização familiar é o modo necessário para a sobrevivência e perpetuação da espécie humana.



pela ação formadora. O âmbito da afetividade, do coração, se encontra submetido ao do conhecimento, voltado para o exterior. Essa seria a essência da *species* masculina, o modo como ela foi pensada pelo Criador.

Por causa das *limitações* da natureza humana, originárias do *afastamento* daquela essência originária, o homem não consegue realizar tudo o que lhe seria cabido, sucumbindo à unilateralidade e atrofiamento de grande parte de suas possibilidades. Consequentemente, até mesmo o empenho unilateral do homem torna-se degenerado, não parando o *seu conhecimento* nos limites que lhe são impostos, mas tentando rompê-los à força. Ele se nega a aceitar as leis das coisas tentando apoderar-se delas de uma maneira arbitrária e relaciona-se com os bens materiais com uma atitude senhoril degenerada, apoderando-se irracionalmente deles, não os utilizando de modo adequado.

Esse modo de ser da natureza masculina afastada de sua essência repercute no seu relacionamento com os outros, especialmente com a mulher e com a descendência: a relação de ajuda recíproca transforma-se em relação de domínio, muitas vezes exercido de modo brutal, não mais buscando o desenvolvimento máximo dos dons da mulher. A mulher é explorada como um meio para um fim, a serviço de uma obra ou satisfação dos próprios desejos; mas facilmente o homem se torna escravo de seus desejos e da própria mulher. Por causa de seu afastamento, o homem tende a furtar-se dos deveres da paternidade, se esquecendo da participação necessária no processo educativo e não respeitando as coisas novas que querem aflorar na nova geração.

## 5.2 A *species* feminina segundo a ordem natural, ao modo do coração

A estrutura geral humana, corpo-mente-espírito, se organiza na *species* feminina de um modo diferente daquele da *species* masculina: segundo a vocação original da mulher, ou ainda, segundo a sua essência, o seu corpo e o espírito estão equipados para ser uma ajudante ao lado do marido, no empenho de submeter a terra e de cuidar dos descendentes. O seu corpo e espírito se prestam menos à luta e à conquista e mais à prática de cuidar, guardar e conservar, predominando nela a faculdade espiritual da afetividade, do coração<sup>44</sup>. Ela é mais capaz de

---

<sup>44</sup> Assim como ocorre na *species* masculina, essa característica da *species* feminina revela que a marca específica do ser da mulher manifesta-se em toda a estrutura do seu ser: exteriormente na especificidade de seu corpo material [*Körper*] e suas funções fisiológicas, mas revela-se igualmente na vida toda do corpo [*Leibesleben*], na relação entre a alma [*Seele*] e o corpo vivente/próprio [*Leib*], pois no âmbito mais íntimo de sua alma a força espiritual da sensibilidade [*Sinnlichkeit*] predomina com relação à do conhecimento. Como explicar, então, a interpretação da antropologia aristotélico-tomista, de que na alma humana o conhecimento sempre deve predominar sobre o coração? Possivelmente Edith Stein, usando da segurança conferida pela análise fenomenológica da essência ou forma interna feminina, apoiada na exegese bíblica,

desfrutar das coisas do mundo, alegrando-se respeitosamente, sem preocupar-se tanto em conhecer e criar (dominar), mas permanecendo atenta a tudo o que deve ser, crescer, desenvolver-se. O conhecimento que ela busca é diverso daquele do homem, pois tem por objetivo cuidar da prole e promovê-la. Possui uma percepção especial da importância do orgânico, do todo, dos valores específicos, do individual. A essência da mulher enquanto mãe a leva a agir tendo sempre em vista o pessoal-vivente e visando o todo: seu desejo genuinamente maternal é cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento. O inanimado, a coisa, só lhe interessa na medida em que está a serviço do vivente-pessoal. Só ele é o objeto de suas preocupações, como um todo concreto que requer os cuidados e incentivos como um todo, não como parte onde uma prejudica as outras.

No âmbito das essências podemos contatar que a mulher tende a fazer corresponder a sua atitude teórica com a prática, o que é característica do sentido afetivo ou do coração, e também não suporta nos outros uma divisão. Isso a habilita como mãe e educadora<sup>45</sup>, assim como esposa e em seu relacionamento com os outros. Como ajudante, tendo em vista o *pessoal-vivente e o todo*, seu dom e sua felicidade consistem em dividir a vida com outra pessoa, participando de tudo o que lhe diz respeito, das menores e maiores, alegrias e tristezas – ao passo que o homem se preocupa com o “assunto dele”. Tal atitude a capacita, com sensibilidade e compreensão, a se aprofundar em temas que lhe são estranhos e com os quais nunca se ocuparia se não fosse um interesse pessoal que a pusesse em contato com eles. Sua função auxiliadora e educativa, genuinamente materna, de que necessita ainda e especialmente a pessoa amadurecida, será aplicada em relação aos próprios filhos e serão substituídas por outras funções na medida em que esses vão crescendo. Cabe também a ela participar da vida do marido no modo da subordinação e obediência (não subserviência) – no serviço exercido na liberdade e como amor.

---

percebe que Tomás não consegue prestar a devida atenção ao sentido afetivo ou do coração como uma característica espiritual do ser humano, privilegiando o aspecto racional, dominante na *species* masculina, por considerar a mulher como um ser humano não acabado, faltando-lhe o aspecto racional em seu desenvolvimento completo. Com a compreensão da reciprocidade circular entre as duas *species* masculina e feminina em suas peculiaridades, ela pode intuir a importância do sentido afetivo ou do coração para a compreensão da vida espiritual especificamente humana, juntamente com o conhecimento.

<sup>45</sup> Eric DE RUS trata do tema da formação do intelecto e do sentido afetivo [*Gemüt*] em seu livro *A visão educativa de Edith Stein*, no capítulo 3 sobre *Educação e destinação natural da pessoa*. Em uma longa nota Juvenal SAVIAN elucida o sentido do *Gemüt*: “trata-se de uma vivência consciente de um objeto (percepção de uma unidade de sentido ou conteúdo da consciência) e associação imediata do afeto que o faz ver como um bem. Não corresponde, pois, nem a um ato intelectual propriamente dito (raciocínio, pensamento) nem a uma operação sensível (percepção física), mas a uma percepção concomitantemente de um sentido a seu valor, levando a desejá-lo”. Op. cit. p. 73, n.179. Sophie BINGGELI, por sua vez, prefere não traduzir o termo “*Gemüt*”, seguindo o conselho de Xavier Tilliette, especialista da filosofia alemã. *Le féminisme chez Edith Stein*, p. 309, n. 381. Ela analisa as diferentes posições ocupadas pelo *Gemüt* na obra de Edith Stein, vinculado ora ao modo de ser da “alma feminina” nos textos sobre a mulher, ora desaparecendo enquanto *Gemüt* em *Ser finito e ser eterno*, mas mantendo o seu conteúdo, agora denominado como “o interior da alma”.

No entanto em toda mulher, semelhante ao homem, em consequência da sua natureza corrompida por causa do afastamento de sua essência originária, o conhecimento, o deleite e o agir tornam-se viciados, degenerados e até destrutivo das coisas. Mas *o modo* como isso ocorre a mulher é diferente, pois a unilateralidade a que está exposta dirige-se para a posse e o desfrute dos bens. Se a alegria diante dos bens materiais degenerar em cobiça, teremos “de um lado a acumulação avarenta e ciosa de coisas fúteis e do outro a decadência de uma vida tola e inativa, presa aos instintos”<sup>46</sup>. A tendência ao pessoal pode hipertrofiar-se como tendência a ocupar-se demasiadamente de si mesma ( vaidade), como desejo de ser alvo das atenções, elogios, reconhecimento, necessidade excessiva de comunicação. O interesse exagerado pelos outros pode tomar a forma de curiosidade, bisbilhotice, insinuação indiscreta da vida íntima dos outros. A inclinação à totalidade pode conduzir à dispersão de forças, aversão à disciplina, tentativas superficiais em todas as áreas, à tendência, no relacionamento com os outros, a tomar conta de suas vidas, dominando-os, não promovendo o desenvolvimento dos filhos e marido.

### 5.3 O homem e a mulher em vistas da ordem da redenção

No momento da expulsão do paraíso já aparece a promessa de redenção, ou seja, Deus indica os meios pelos quais o homem e a mulher poderão aproximar a própria *natureza* da *essência* pensada por Deus no momento da criação: cabe à mulher travar a luta contra o mal e ao homem aguardar a coroação na figura do futuro “Filho do homem”:

Nosso Senhor não deixou dúvida de que o novo reino de Deus veio para realizar um reordenamento entre os sexos, isto é, para eliminar as relações condicionadas pelo pecado restabelecendo a ordem original<sup>47</sup>.

Como isso pode acontecer? Segundo Edith Stein, todos os defeitos da natureza do homem e da mulher, que os levam a falhar em sua vocação original, na sua essência, devem ser procurados primeiramente na perversão do relacionamento com Deus<sup>48</sup>. Com a queda ambos deixam de responder à vocação original, à sua *species* essencial, à sua forma interna originária.

---

<sup>46</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 92. *Die Frau*. ESGA 13, p. 69.

<sup>47</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 81. *Die Frau*. ESGA 13, p. 62.

<sup>48</sup> A vocação de filiação foi a primeira vocação dada ao homem e à mulher no momento da Criação: a vocação de serem “imagem e semelhança de Deus”, ou seja, se realizarem plenamente as suas essências, tal como Deus os concebeu na criação, contanto um com a ajuda do outro. Desse modo a alma espiritual humana recupera a sua forma originária quando o ser humano individual, juntamente com toda a humanidade, desenvolver-se plenamente por meio das faculdades do conhecimento e do coração, resgatando assim a sua relação com Deus e com os outros semelhantes e diferentes de si.

O homem deixa de responder à vocação de ser imagem de Deus com a sabedoria (conhecimento), bondade (deleite respeitoso das criaturas) e poder (criando e aperfeiçoando a criação), quando decide desenvolver suas forças não mais na subordinação humilde à vontade divina. A mulher, ao desobedecer a Deus e seduzir o marido a fazer o mesmo, recebe o “castigo” de subordinar-se a ele e também fica mais exposta ao risco de degradação de uma vida puramente instintiva.

Para Edith Stein, essas aparentes “punições” de Deus, no fundo são promessas de bênçãos e reconciliação, pois indicam o caminho a ser seguido para restabelecer a natureza essencial e a vocação original do homem e da mulher, assim como a justa reciprocidade circular entre eles: é necessário que ambos retornem, individualmente e livremente, ao relacionamento filial com Deus.

A redenção proposta por Deus leva em consideração a vocação natural geral do ser humano, assim como a vocação específica do homem e da mulher. Segundo Edith Stein, com relação à natureza geral, a ação redentora não restabeleceu de um só golpe a pureza original da natureza corrompida. Cristo introduziu a salvação na humanidade como uma semente que precisa crescer dentro e junto com o crescimento da Igreja, assim como em cada alma em particular<sup>49</sup>.

A redenção é proposta para o homem e a mulher de acordo com as suas especificidades, ou seja, de acordo com a sua forma essencial ou *species*. Ao homem cabe, quando inserido no contexto do casamento e da família, desenvolver aquelas características complementares femininas que o ajudarão a combater a unilateralidade e atrofia das características masculinas ocorridas por causa da queda. Cabe a ele procurar exercer sua função de cabeça da pequena comunidade, cuidando da saúde do organismo todo. Quando os dons e forças começam a despontar na mulher e filhos, saberá dar liberdade para seu crescimento e apoio onde for necessário e estiver em suas forças, também reparando a falta de coragem e autoconfiança dos mais fracos. Ao invés de dominar, deve reforçar na mulher o elemento espiritual para que ela não caia numa vida puramente instintiva. Por fim, deve cuidar da ordem e harmonia (natural e sobrenatural) da vida familiar e também promover o respeito pelos outros de acordo com o lugar de cada um na família.

Observa Edith Stein que parece muito o que é pedido ao homem, mas ela lembra do auxílio oferecida por Deus na ordem da criação, que também deve ser restabelecido: essa grande

---

<sup>49</sup> Cada um de nós experimenta dentro de si a luta travada entre a natureza corrompida e o germe da vida da graça, que quer e pode desenvolver-se eliminando o que é doentio. A eliminação do doentio no âmbito individual deve repercutir nessa mesma eliminação no âmbito comunitário.

responsabilidade do homem deve ser compartilhada com a mulher, sua ajudante, que segundo a sua natureza originária tem a vocação de “*assumir mais da metade desse peso*”<sup>50</sup>. Visto que a mulher, além do desejo de desenvolver a própria personalidade, também procura ajudar as pessoas que lhe são próximas a desenvolver-se, ela é naturalmente a melhor conselheira do marido para a própria orientação e para a dos filhos. Além disso, segundo o designo de Deus, cabe a ela “*lutar com a serpente*”<sup>51</sup>, ou seja, combater o mal. Para isso Deus deu à natureza feminina uma especial receptividade pelo bem moral, que deve ser transmitido às gerações futuras.

Também cabe à mulher desenvolver aquelas características complementares masculinas que a ajudarão a combater a unilateralidade e a atrofia ocorrida por causa da queda: recomenda-se à mulher, para contrabalançar essa tendência perigosa de dedicar-se excessivamente à vida dos outros e nela se perder, o trabalho próprio.

Edith Stein também observa na *realidade do mundo atual* sinais dessa mudança no papel das mulheres: o desenvolvimento da ciência e das tecnologias tem permitido substituir o trabalho doméstico pelas máquinas e cada vez mais as mulheres têm buscado empregar suas forças liberadas em outras atividades. Também o declínio econômico da primeira metade do séc. XX levou muitas mulheres a buscar trabalho fora de casa para melhorar a renda familiar. Segundo ela, essa transformação do papel da mulher na sociedade não ocorreu sem lutas e confrontos, provocado pela paixão das pioneiras do movimento feminista<sup>52</sup>.

Ao se confrontar o que foi observado sobre a essência do homem e da mulher na criação, a sua natureza na ordem decaída e as possibilidades oferecidas para a redenção, levando também em conta as necessidades dos tempos atuais, pode-se inferir que a ordem da salvação visa *restabelecer a relação original* entre o homem e a mulher, permitindo, na medida de assimilação pessoal, a cooperação harmônica e regulamentação, de comum acordo, da distribuição dos papéis profissionais.

Para Edith Stein com essa constatação rompe-se a norma do antigo testamento segundo a qual a mulher só poderia salvar-se pela procriação. Também não cabe falar de profissões que

---

<sup>50</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 96. *Die Frau*. ESGA 13, p. 72.

<sup>51</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 96. *Die Frau*. ESGA 13, p. 73.

<sup>52</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 97. *Die Frau*. ESGA 13, p. 73.

estariam reservadas apenas para homens e outras só para mulheres, pois é preciso levar em conta as características individuais de cada pessoa<sup>53</sup>.

## 6 A vocação de cada indivíduo singular em sua natureza e essência

Para se compreender o significado da individualidade em Edith Stein, é importante apresentar algumas observações fenomenológicas sobre a relação entre as descrições essenciais das naturezas feminina e masculina e o que constatamos olhando os indivíduos concretos.

Toda alma humana é criada por Deus, todas recebem uma forma especial que a distingue das demais; essa sua individualidade com a sua humanidade e sua feminilidade [ou masculinidade] deve ser desenvolvida por seu valor de formação. Em sua característica pessoal já está prevista a vocação para uma atuação adequada. Por isso, o desenvolvimento do caráter particular deve fazer parte da finalidade da formação feminina [ou masculina]<sup>54</sup>.

Do que foi visto até aqui se pode inferir das pistas dadas por Edith Stein que todo ser humano individual possui em sua estrutura constitutiva elementos masculinos e femininos que, embora presentes, não o incapacitam reconhecer a sua *identidade específica* ou *forma interna* essencial como sendo ou masculina, ou feminina. Essa distinção entre os diversos elementos naturais e a estruturação essencial do ser humano é apreendida pelo estudo da *essência* da natureza humana. Analisa-se a *essência* da pessoa humana por meio do método fenomenológico, buscando um aprofundamento (“escavação” segundo Ales Bello) por meio da metafísica aristotélico-tomista e da exegese bíblica (revelação cristã). Com base nessa análise é possível identificar (no âmbito do *Eu puro*) uma estrutura comum a todo o gênero humano que se desdobra em duas *species* ou *forma interna* masculina e feminina. Essa “forma interna” é preenchida por cada indivíduo de modo singular, único e irrepetível, no modo da “forma vazia”<sup>55</sup>. Como ocorre esse “preenchimento”?

Na conferência sobre o *Ethos das profissões femininas* Edith Stein esclarece que a descrição da *species* feminina (ou masculina) não inclui, a princípio, nenhum juízo de valores, pois apresenta de que modo a natureza feminina se desenvolve de “*maneira pura*”, na sua essência. Segundo ela o modo puro nunca ocorre nas circunstâncias concretas, dadas as limitações naturais externas e internas. Mesmo contando com a graça, não é possível encontrar

<sup>53</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 99. *Die Frau*. ESGA 13, p. 74

<sup>54</sup> STEIN, Edith. *Probleme der neueren Mädchenbildung*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 179-180. *Problemas da formação feminina*. In: *A mulher*, p. 222.

<sup>55</sup> Cf. ALFIERI, Francesco. *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein*, 2016.

homens e mulheres que se desenvolvam plenamente, mas essas características essenciais devem servir como modelo, como *alvo a ser atingido*, aquele *telos*<sup>56</sup> típico do organismo humano, que adquire uma importância ainda maior pelo fato dos seres humanos serem espirituais, cujo desenvolvimento se dá ao longo de toda a sua vida. Sem a consciência desse *telos* é bem mais difícil para o ser humano singular desenvolver de modo íntegro e integral a sua própria personalidade.

O mesmo argumento é pressuposto na conferência sobre *A vocação do homem e da mulher* quando Edith Stein diz que não convém exigir, *segundo a ordem natural*, a distribuição de profissões só para homens ou só para mulheres:

(...) tendo em vista as grandes diferenças individuais que fazem com que algumas mulheres se aproximem muito do tipo masculino e alguns homens muito do tipo feminino, de modo que toda profissão “masculina” pode ser competentemente exercida também por certas mulheres e toda profissão “feminina” por certos homens<sup>57</sup>.

Consequentemente, no que se refere à formação dos indivíduos particulares, deve-se insistir para que a educação, formação e orientação vocacional sejam feitas de acordo com a *natureza pessoal*, para que se faça uma opção profissional adequada a cada indivíduo. Para Edith Stein, normalmente ocorrerá uma *divisão espontânea*, uma vez que a *diferença das naturezas* impõe obviamente a presença de aptidões específicas para determinadas profissões<sup>58</sup>. Mas tudo isso não nos possibilita falar de profissões “masculinas” e “femininas”, ocorrendo o mesmo com relação ao “serviço a Deus”. O que vemos na realidade é que em todos os tempos homens e mulheres se viram chamados para a vida religiosa<sup>59</sup>:

<sup>56</sup> Vide supra n. 36.

<sup>57</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*, p. 100. *Die Frau*, ESGA 13, p. 75.

<sup>58</sup> Essa constatação de Edith Stein foi confirmada pelo documentário de Harald Eia com entrevistas e pesquisas sobre a fundamentação teórica dos “engenheiros sociais” do Instituto de Gênero da Noruega. Ele constata que apesar de uma educação “neutra” de qualquer conotação de gênero masculino ou feminino ao longo de duas gerações, a população “naturalmente” se organizou, dividindo-se naturalmente entre profissões femininas e masculinas. Após a divulgação dessa série de sete entrevistas pela televisão norueguesa, sob o título de “Paradoxo da igualdade”, o Instituto de Gênero da Noruega foi fechado, pois visivelmente a teoria em que ele de fundamentava não tinha nenhuma relação com a realidade e com a especificidade da natureza humana, dividida em indivíduos masculinos ou femininos. As entrevistas podem ser assistidas pelo Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=G0J9KZVB9FM>.

<sup>59</sup> O tema da vida religiosa, especialmente quando vinculado à mulher, é tratado com muito rigor por Edith Stein, pois ela via, mesmo dentro da Igreja, uma certa contraposição entre uma visão de que a mulher só se realiza por meio do casamento e da maternidade e a valorização do chamado para se viver uma vida religiosa consagrada. Percebe-se aqui que quando Edith Stein identifica a vocação da *species* feminina já na configuração de seu corpo vivente/próprio [*Leib*], ela não está se referindo à maternidade da mulher apenas como uma característica corpórea material [do *Körper*], mas como uma dimensão estrutural da mulher que perpassa todo o seu ser, dado sempre em uma unidade: o corpo vivente/próprio, a alma psíquica e a alma espiritual.

(...) pertencer e servir a Deus em livre doação de amor não é apenas uma profissão de alguns escolhidos e, sim, de todos os cristãos, sejam eles ordenados ou não, homem ou mulher: todos são chamados a imitar Cristo<sup>60</sup>.

Além da vocação natural, todo ser humano possui uma *vocação sobrenatural*. Nesse sentido cabe a cada indivíduo colocar-se conscientemente, com tudo *o que ele é e o que tem*, a serviço do Criador, para viver como filho de Deus e “amadurecer” em suas mãos. Mas, por causa da natureza humana corrompida pela queda, ele não consegue desenvolver-se plenamente e necessita a *colaboração da graça* para realizar a sua vocação, tanto a natural quanto a sobrenatural. Apesar de toda ajuda Edith Stein reconhece que nunca se alcançará o ideal de um desenvolvimento perfeito e completo da natureza humana em sua totalidade, pois sempre existirão disposições pessoais e circunstâncias que limitam seu desenvolvimento global: o tempo e os meios humanos para o próprio desenvolvimento são limitados.

## 7 Conclusão

Edith Stein apresenta uma concepção realista na natureza humana, de suas virtualidades e limitações, propondo que cada pessoa se sinta chamada a conhecer-se em sua vocação específica e assim formar-se do melhor modo possível. Por causa da especificidade de sua *essência e natureza*, todo ser humano é capaz de formar-se, desenvolvendo as suas potencialidades em maior ou menor grau a partir daquilo que percebe como sendo um valor para si. Para que isso aconteça de modo que a pessoa desenvolva a sua personalidade é importante reconhecer a sua pertença essencial a uma *species* masculina ou feminina, mas mantendo consciente de que “a humanidade e a feminilidade [ou masculinidade] puras não determinam a finalidade completa, pois elas só podem desenvolver-se na unidade concreta de uma pessoa individual”<sup>61</sup>.

Apesar de não determinarem a *finalidade completa*, a ideia de uma humanidade geral e a de uma *species* feminina ou masculina servem como parâmetro, como *telos* que indica o caminho para o amadurecimento da personalidade, tanto no âmbito individual quanto no âmbito intersubjetivo. Além disso, a existência dessas duas *species* no âmbito puro ou essencial da

<sup>60</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça* In: *A mulher*, p. 103. *Die Frau*. ESGA 13, p. 77.

<sup>61</sup> STEIN, Edith. *Probleme der neueren Mädchenbildung*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 179-180. *Problemas da formação feminina*. In: *A mulher*, p. 222.

Cada indivíduo desenvolve a sua *forma interna* masculina ou feminina de múltiplas formas, podendo até afastar-se do *tipo* a que corresponde a sua identidade de gênero. Mas isso *não significa* que ele não possui tal identidade. Ancorado nessa identidade deverá *amadurecer do melhor modo possível* por meio de suas particularidades naturais, pelo seu corpo próprio vivenciado intimamente unido à sua alma psíquica e espiritual.



análise da pessoa humana manifestam que indivíduo só é capaz de conhecer-se e desenvolver-se plenamente em sua relação com os outros.

A visão cristã do ser humano corrobora com essa afirmação, pois possibilita a percepção de que a natureza humana, tanto no seu âmbito essencial geral e específico quanto no individual concreto, possui um significado no tempo e na eternidade. Deste modo pode-se compreender o significado da natureza individual de cada ser humano não como uma imperfeição terrena a ser superada, mas correspondendo a uma *vocação específica* que deve ser descoberta e valorizada<sup>62</sup>. Para isso é preciso que cada indivíduo busque compreender de que modo a sua *vocação singular* está intrinsecamente vinculada à consciência de si enquanto pertencendo à *forma geral* da humanidade e a *uma forma específica* masculina ou feminina.

Edit Stein dá um passo além em suas considerações conclusivas sobre a redenção: o modo como os seres humanos são em sua essência e o modo como cada um é capaz de se desenvolver em sua natureza, tudo isso é estabelecido pela *vontade de Deus*. Para ela todas as características individuais – de todos os indivíduos – são queridas por Deus e, se desenvolvidas de modo justo, “*se harmonizam melodiosamente na polifonia da comunhão dos santos*”<sup>63</sup>.

Por meio da observação da vida dos santos observa um fato muito importante, e sua correta compreensão impossibilita que a *antropologia dual* de Edith Stein seja compreendida na forma de uma *dualidade* ou *dualismo*: segundo a Autora, naquelas pessoas que se aproximam de Deus, a dicotomia interna e intersubjetiva entre a *natureza masculina e feminina*, ocorrida por ocasião da queda<sup>64</sup>, vai sendo substituída por uma *nova dimensão* do *dom* e da *reciprocidade*, onde as tendências exacerbadas de um e de outro aspecto específico vão se contrabalançando a ponto dessas pessoas se aproximarem da *imagem de ser humano* tal como foi concebida por Deus na criação:

Quanto mais se progride nesse caminho (de servir a Deus em livre doação de amor), mas se fica parecido com Cristo, e como Cristo representa o ideal da perfeição humana, no qual são abolidas todas as qualidades da natureza masculina e feminina, eliminadas todas as fraquezas, seus seguidores também passam a ser elevados cada vez mais para além dos limites da natureza. Por isso verificamos em homens santos a suavidades e bondade feminina e uma preocupação verdadeiramente maternal com as almas que lhe são confiadas, e

<sup>62</sup> STEIN, Edith. *Die Bestimmung der Frau*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 46.

<sup>63</sup> STEIN, Edith. *Die Bestimmung der Frau*. In: *Die Frau*. ESGA 13, p. 46.

<sup>64</sup> A dicotomia entre o masculino e o feminino resultante do afastamento de Deus também ocasionou a dissociação entre as faculdades espirituais da alma, o conhecimento e o amor, colocando o segundo sob a dominação do primeiro, associando-o aos impulsos e paixões. Quando a pessoa se aproxima de Deus em sua vida concreta, ela vai recuperando em sua própria personalidade a forma originária da filiação divina enquanto imagem e semelhança de Deus. Concomitantemente, vai recuperando a disposição de ajuda e serviço recíproco ao outro como dom de si, sem que se sinta ameaçada em sua individualidade.

em mulheres santas encontramos a coragem e determinação masculina. Assim, a imitação de Cristo leva ao desenvolvimento da vocação original do ser humano: ser imagem de Deus, do Senhor da criação, protegendo, preservando e promovendo todas as criaturas que o rodeiam, do Pai, gerando e formando filhos para o reino de Deus em paternidade e maternidade espiritual. Ultrapassar os limites naturais é ação suprema da graça, podendo jamais ser alcançada pela luta autossuficiente contra a natureza ou pela negação dos limites naturais, o único caminho é a submissão à ordem estabelecida por Deus <sup>65</sup>.

Edith Stein nos convida a olhar para Maria como *modelo de mulher*: como mãe, ela realiza tudo como serva do Senhor, cumprindo a missão que Deus lhe confiou: no centro de sua vida está o seu filho, aguardando-o numa feliz expectativa, velando sobre sua infância, seguindo-o em seus caminhos, ora de perto, ora de longe, de acordo com o desejo dele, segurando-o nos braços em sua morte e executando o legado após a sua partida<sup>66</sup>. Também ela é modelo da mulher como esposa, em sua confiança tranquila sem limites; obediência silenciosa; apoio fiel, inquestionável, no sofrimento; tudo em subordinação à vontade de Deus que lhe confiou o marido como protetor humano e cabeça visível.

Por fim, a imagem da mãe de Deus nos revela a *atitude fundamental da alma feminina* que corresponde à vocação natural da mulher: sujeição livre e total a Deus e às inspirações do Espírito Santo<sup>67</sup>, com todo o seu coração, com seu intelecto e toda a sua vontade.

João Paulo II também termina a sua encíclica *Fides et Ratio* apresentando Maria, não apenas como modelo de mulher, mas também como modelo de uma reciprocidade frutífera entre o pensamento filosófico e a fé<sup>68</sup>. Vemos em João Paulo II, de um modo semelhante ao que acontece em Edith Stein, a reciprocidade entre o feminino e o masculino utilizadas, de modo metafórico, para se pensar a reciprocidade entre a filosofia e a teologia. Da mesma forma que Maria, ao prestar o seu consentimento ao anúncio de Gabriel, nada perdeu da sua verdadeira humanidade e liberdade, assim também o pensamento filosófico, quando acolhe a interpelação que recebe da verdade do Evangelho, nada perde da sua autonomia, antes vê toda a sua indagação elevada a mais alta realização:

<sup>65</sup> STEIN, Edith. *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça*. In: *A mulher*. Op.cit. p. 103. ESGA 13, p. 77.

<sup>66</sup> STEIN, Edith. *Das Ethos der Frauenberufe*. In: *Die Frau* ESGA 13, p. 20. *A Mulher*, p. 60.

<sup>67</sup> STEIN, Edith. *Das Ethos der Frauenberufe*. In: *Die Frau* ESGA 13, p. 20. *A Mulher*, p. 60.

<sup>68</sup> Podemos inferir da análise do masculino e do feminino em Edith Stein que o elemento racional, ilustrado pelo pensamento filosófico, pode ser visto como um elemento preponderantemente masculino, ao passo que a fé, representada pela teologia, pode ser vista como um elemento tipicamente feminino, como assentimento no âmbito profundo da alma, no coração. Essa analogia foi também desenvolvida no texto de Ales Bello, *Sul femminile*, especialmente na parte sobre a *Fides et ratio* e a análise do feminino em Edith Stein.

Que a Sede da Sabedoria seja o porto seguro para quantos consagram a sua vida à procura da sabedoria! O caminho para a sabedoria, fim último e autêntico de todo o verdadeiro saber, possa ver-se livre de qualquer obstáculo por intercessão d'Aquela que, depois de gerar a Verdade e tê-la conservado no seu coração, comunicou-A para sempre à humanidade inteira <sup>69</sup>.

## Referências

### OBRAS DE EDITH STEIN

Edith Stein Gesamtausgabe (ESGA):

STEIN, E. Aus dem Leben einer jüdischen Familie und weitere autobiographische Beiträge. ESGA 1. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Zum Problem der Einfühlung. ESGA 5. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften. ESGA 6. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Einführung in die Philosophie. ESGA 8. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinne des Seins. ESGA 11/12. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2013.

\_\_\_\_\_. Die Frau. Fragestellungen und Reflexionen. ESGA 13. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Der Aufbau der menschlichen Person. Vorlesung zur philosophischen Anthropologie. ESGA 14. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. Kreuzeswissenschaft: Studie über Joannes vom Kreuz. ESGA 18. Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2013.

### Obras completas em espanhol (OCD)

STEIN, E. *Escritos autobiográficos y cartas*. V. I. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2002.

\_\_\_\_\_. *Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: 1915-1920*. V. II. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2002.

\_\_\_\_\_. *Escritos filosóficos. Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936*. V. III. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2002.

\_\_\_\_\_. *Escritos antropológicos y pedagógicos. Magisterio de vida cristiana: 1926-1933*. V. IV. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos espirituales. En el Carmelo Teresiano: 1933-1942*. V. V. Burgos–Vitoria–Madrid: Ed. Monte Carmelo–Ed. el Carmen–Ed. de Espiritualidad, 2004.

---

<sup>69</sup> *Fides et ratio* 108.

Outras traduções utilizadas

STEIN, Edith. *A mulher*. Sua missão segundo a natureza e a graça. Trad. Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

STEIN, E. *La estrutura della persona umana*. Trad. de Michele D'Ambra. Roma: Città Nuova Editrice, 2000.

\_\_\_\_\_. *Il problema dell'empatia*. Trad. de Erika e Elio Constantini. Roma: Edizioni Studium, 2009.

\_\_\_\_\_. *Natura, persona, mística: per uma ricerca Cristiana dele veritá*. Trad. do alemão por Teresa Franzosi. Roma: Città Nuova Editrice, 1997. 3ª edição, 2002.

#### OBRAS DE EDMUND HUSSERL

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen Ergänzungband, Zweiter Teil*. Texte für die Neufassung der VI Untersuchung. *Zur Phänomenologie des Ausdrucks und der Erkenntnis* (1893/94-1921). Husserliana, Edmund Husserl Gesammelte Werke, Bd. XX/2. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1984.

\_\_\_\_\_. *Ideen Zu Einer Reinen Phänonemologie Und Phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: *Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Husserliana, Edmund Husserl Gesammelte Werke, Bd. III/1. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976.

\_\_\_\_\_. *Ideen Zu Einer Reinen Phänonemologie Und Phänomenologischen Philosophie*. Zweites Buch: *Phänomenologie Untersuchungen zur Konstitution*. Husserliana, Edmund Husserl Gesammelte Werke, Bd. IV. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1952.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

#### OBRAS SOBRE EDITH STEIN

ALES BELLO, Angela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma fenomenologia no feminino*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: Edusc, 2000. (2ª edição)

\_\_\_\_\_. *Sul femminile*: Scritti di antropologia e religione. Edizioni Città Aperta, Troina (EN) 2004.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia e ciências humanas*. Org. e trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

\_\_\_\_\_. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

\_\_\_\_\_. *Edith Stein. A paixão pela verdade*. Trad. José J. Queiroz. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

ALES BELLO, A. *Pessoa e comunidade*. Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte, MG: Artesã Editora Ltda, 2015.

ALFIERI, F. *A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein: a questão da individualidade*. Trad. Juvenal Savian Filho, Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2016.

\_\_\_\_\_. *Pessoa Humana e singularidade em Edith Stein*. Org. e trad. Clio F. Tricarico. Prof. Juvenal Savian Filho. São Paulo, Perspectiva: 2014.

DE RUS, E. *Intériorité de la personne et éducation chez Edith Stein*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.

\_\_\_\_\_. *A visão educativa de Edith Stein: Aproximação de um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Artesã Editora LTDA, 2015.

BINGGELI, S. *Le féminisme chez Edith Stein*. Paris: Éditions Parole et Silence, 2009.

BOUILLOT, B. *Le noyau de l'âme selon Edith Stein : De l'époque phénoménologique à la nuit obscure*. Paris : Éd. Hermann, 2015.